

Soybean Futures, 1D, CBOT

Vol (20)
EMA (55, close)
EMA (50, close)
EMA (45, close)
EMA (40, close)
EMA (35, close)
EMA (30, close)
EMA (25, close)
EMA (20, close)



1960

UFSM

Palmeira das Missões

Programa de Pós-Graduação em Agronegócios (PPGAGR)

Curso de Graduação em Ciências Econômicas

Núcleo de Pesquisas em Economia do Agronegócio (NPEA)

Boletim Analítico do Mercado da Soja

NILSON LUIZ COSTA

PALMEIRA DAS MISSÕES-RS, MAR-JUN/2019.

VOLUME 2, NÚMERO 2.

APRESENTAÇÃO

O Boletim Analítico do Mercado da Soja é um newsletter do Núcleo de Pesquisas em Economia do Agronegócio, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócios (PPGAGR) e ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Campus de Palmeira das Missões.

O objetivo desta publicação é fornecer análises conjunturais periódicas para os interessados em acompanhar o comportamento do mercado da soja no Brasil e no Mundo.

O Boletim Analítico do Mercado da Soja começou a ser publicado no mês de fevereiro do ano de 2018 e as edições são identificadas por volume (número sequencial do ano-calendário) e número (contado a partir do ano de fundação do boletim).

Todas as edições publicadas estão disponíveis no sítio <http://w5.ufsm.br/grupos-de-pesquisa/npea/indices/mercado-da-soja/>.

AGRADECIMENTOS

Ao Sindicato Rural de Palmeira das Missões/RS e ao Clube Amigos da Terra de Palmeira das Missões/RS, pela parceria e acordo de cooperação técnica firmado, que proporciona instrumentos que resultam em maior profundidade analítica das pesquisas realizadas nas áreas de mercado da soja e do milho. Também, pelo apoio prestado às ações de pesquisa ou extensão realizadas no âmbito do NPEA/UFSM, registramos os agradecimentos para o Sicredi Grande Palmeira RS, Sicredi Alto Uruguai RS/SC, Cooperativa Triticola Mista Campo Novo Ltda. e Associação dos Engenheiros Agrônomos de Palmeira das Missões – AEAPAL.





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Reitor

Prof. Dr. Paulo Afonso Burmann

Vice-Reitor

Prof. Dr. Luciano Schuch

Diretor do Campus de Palmeira das Missões

Prof. Dr. Rafael Lazzari

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios

Prof. Dr. Nilson Luiz Costa

Coordenador do Curso de Graduação em Ciências Econômicas

Prof. Dr. Vinícius Spirandelli Carvalho

Conselho Editorial

Dr. Antônio Cordeiro de Santana (UFRA)

Dr. Carlos André Corrêa de Mattos (UFPA)

Dr. Enio Giotto (UFSM)

Dr. Daniel Arruda Coronel (UFSM)

Dr. João Pedro Velho (UFSM)

Dr. Gabriel Nunes de Oliveira (UFSM)

Eng. Agr. Hamilton Guterres Jardim (SRPM)

M.Sc. Luciano Augusto de Souza Sulzbach (CAT)

Mauro Costa Beber (CAT)

Dr. Nilson Luiz Costa (UFSM)

Editor e Responsável Técnico

Prof. Dr. Nilson Luiz Costa (UFSM)

NÚCLEO DE PESQUISAS EM ECONOMIA DO AGRONEGÓCIO (NPEA/UFSM)

Av. Independência, nº 3751. Bairro Vista Alegre.

Palmeira das Missões – RS

CEP: 98300-000.

Telefone +55 (55) 3742-8860; +55(55) 3742-8867.

E-mail: npea@ufsm.br. Sítio: <http://w5.ufsm.br/grupos-de-pesquisa/npea/>



BOLETIM ANALÍTICO DO MERCADO DA SOJA

RESUMO EXECUTIVO

A edição Mar-Jun/2019 do Boletim Analítico do Mercado da soja tem o objetivo de apresentar a conjuntura global do mercado da soja e analisar os seus reflexos nos níveis de preços verificados em Chicago e no mercado físico brasileiro. Entre os principais resultados, destacam-se que:

1. A evolução das questões que envolvem o **conflito** comercial estabelecido **entre Estados Unidos e China** parecem ser motivados por **razões mais profundas** do que os desequilíbrios na balança comercial dos EUA. Trata-se de uma dimensão de um **embate geopolítico** mais amplo. Isto permite concluir que o **mercado** da soja tende a continuar sendo **impactado** por esta questão. Apesar de ser importante, as exportações estadunidenses de soja são residuais neste embate e o agronegócio brasileiro é estratégico para contribuir com a segurança alimentar na China. Por isso, o **Brasil** tende a continuar sendo um **importante parceiro** comercial **da China**, independentemente dos aspectos da relação do país asiático com o norte-americano.
2. Em Chicago, os **futuros de soja** seguem impactados pelas divergências comerciais entre EUA e China, que ainda impõe uma **forte resistência**. Neste contexto, mesmo com expectativas de uma safra nova menor nos EUA, a análise técnica mostra que a elevação nos preços dos futuros de soja na CBOT-CMEGroup parece ter um teto bem definido.
3. Neste momento, as alterações na **taxa de câmbio** no Brasil estão associadas ao ambiente de reformas econômicas, principalmente. Neste momento, as pressões de alta no dólar foram dissipadas pelas expectativas de aprovação na reforma da previdência e isto **pode** contribuir para **amenizar** o **impacto** de uma parte do movimento **altista de Chicago**, dados pelas condições climáticas na região de produção dos EUA.
4. Conforme previsto no último Boletim, as expectativas de termos um 2019 com **forte procura** de soja **no mercado interno** ganham força. Também ganha força o processo de priorização chinesa pela soja sul-americana. Estes são elementos de otimismo para o produtor rural em relação aos preços da soja.
5. Apesar das boas expectativas, o comportamento **futuro** do preço **não é** uma **certeza**, é o prognóstico de uma realidade provável. Certeza é a **importância** de adotar boas práticas de **gestão da produção** e **gestão da comercialização** (estratégias de gerenciamento de risco), principalmente em momentos de elevação nos custos de produção.

Palmeira das Missões/RS-Brasil, 14 de junho de 2019.

Prof. Dr. Nilson Luiz Costa

Economista, Dr. em Ciências Agrárias
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
E-mail: nilson.costa@ufsm.br

ANALYTICAL BULLETIN OF SOYBEAN MARKET

EXECUTIVE SUMMARY

The Mar-Jun / 2019 edition of the Analytical Bulletin of the Soybean Market aims to present the global situation of the soybean market and analyze its impact on the price levels verified in Chicago and the Brazilian market. Among the main results, it is highlighted that:

1. The trade dispute between the United States and China seems to be motivated by deeper reasons than the trade deficit and the lack of jobs in the United States. It is a dimension of a broader geopolitical clash. It is a dimension of broader geopolitical issues. This leads to the conclusion that the soybean market tends to continue to be impacted by this issue. Although important, US soybean exports are residual in this clash and Brazilian agribusiness is strategic to contribute to food supply in China. Therefore, Brazil tends to remain an important trading partner of China, regardless of the aspects of the relationship of the Asian country with the North American.
2. The soybean futures in Chicago are impacted by US-China trade divergences, which impose strong resistance. Even with expectations of a smaller new crop in the US, the technical analysis shows that the rise in soybean futures prices at CBOT-CMEGroup appears to have a well-defined ceiling.
3. At the moment, the changes in the exchange rate in Brazil are associated with the environment of economic reforms. Expectations regarding the approval of the pension reform contribute to the appreciation of the real against the US dollar. This may help mitigate the impact of a portion of the Chicago-based bullish movement driven by weather conditions in the US production region.
4. As foreseen in the last Bulletin, expectations for 2019 with strong demand for soy in the Brazilian market are gaining strength. The process of Chinese prioritization of South American soybeans also strengthens. These are elements of optimism for the Brazilian rural producer in relation to soybean prices.
5. Despite good expectations, future price behavior is not a certainty, it is the prognosis of a probable reality. Certainty is the importance of adopting good practices in production management and marketing management (risk management strategies), especially at times of rising production costs.

Palmeira das Missões / RS-Brasil, June 14, 2019.

Prof. Dr. Nilson Luiz Costa

Economist, Doctor of Agrarian Sciences
Federal University of Santa Maria (UFSM)
E-mail: nilson.costa@ufsm.br

Parceiros:

SRPM - Sindicato Rural de Palmeira das Missões/RS
CAT - Clube Amigos da Terra de Palmeira das Missões/RS
AEAPAL - Associação dos Engenheiros Agrônomos de Palmeira das Missões /RS



BOLETIM ANALÍTICO DO MERCADO DA SOJA

1. INTRODUÇÃO

Agricultura evoluiu e isto é bom, mas este avanço exige maior atenção com a gestão do empreendimento agropecuário, pois assim como a produtividade média cresceu, os custos de produção aumentaram consideravelmente. Informação, planejamento e estratégias de gestão da produção e da comercialização passaram a ser cada vez mais essenciais ao processo de conversão da produção em lucro.

Qual é o momento adequado para vender a soja? Qual a melhor estratégia a ser implementada na área de comercialização agropecuária? As respostas para questões como esta dependem do perfil de cada produtor e da estrutura de endividamento de seu negócio. Alguns, com maior disposição ao risco podem ganhar ou perder mais ao adotar estratégias mais arrojadas; outros, ao optarem pela segurança, aceitam receber menos, mas com a certeza de que estarão mais protegidos de oscilações que possam comprometer excessivamente a lucratividade do negócio.

Este é o contexto que explica os conteúdos analisados no presente boletim, uma vez que o objetivo desta produção é instrumentalizar, com informações e análises, os produtores rurais e com isso contribuir para o processo de tomada de decisões de cada um.

Nesta produção, analisar-se-á a conjuntura do mercado de soja no Brasil e no Mundo, de acordo com as estratégias teóricos-metodológicos apresentados por Costa e Santana (2018) e Costa (2017).

A última edição do Boletim Analítico do Mercado da Soja (COSTA, 2019) destacou que o andamento das negociações comerciais entre Estados Unidos e China e o comportamento da taxa de câmbio tenderiam a influenciar as cotações dos futuros de soja em Chicago e no mercado físico brasileiro e isto se concretizou. Também, abordaram-se as preocupações em relação à revogação da Lei Kandir. O cenário evoluiu e trouxe algumas definições: no campo da política interna, destaca-se como fato positivo o arquivamento da PEC 37/2007, que propunha a revogação da Lei Kandir, que estava aprovada na Comissão de Constituição e Justiça e pronta para ser pautada pelo Plenário do Senado Federal.

As negociações entre EUA e China parecem apontar para o direcionamento do consumo chinês de soja para o mercado físico brasileiro e argentino. Por outro lado, em relação à taxa de câmbio – que iniciou uma trajetória de alta em 2019, ultrapassou a barreira dos R\$ 4,00/US\$ no fim de março/19 e

chegou ao patamar de R\$ 4,12/US\$ em maio/19 – ainda persistem incertezas, dadas pelo ambiente político e das reformas econômicas no Brasil, pela disposição do Banco Central do Brasil em colocar em prática uma política de intervenção no mercado via leilões de dólares a preços menores e possíveis impactos de crises nas relações internacionais de importantes atores globais.

Dito isto, o texto a seguir apresenta uma análise de variáveis e cenários considerado importantes para a formação do preço da soja no mercado global e brasileiro.

2. ANÁLISE DAS EXPECTATIVAS DE OFERTA, DEMANDA, ESTOQUES E NÍVEL PREÇOS NO BRASIL E NO MUNDO

A presente seção apresenta uma análise das condições microeconômicas atuais do mercado da soja no Brasil e no Mundo. Neste contexto, os objetivos desta seção é analisar as mais recentes projeções de conjuntura do mercado relacionadas, principalmente aos preços da soja em Chicago e no mercado físico brasileiro, e as expectativas de oferta, demanda e estoques.

2.1. ANÁLISE DO PREÇO DA SOJA NO MERCADO INTERNACIONAL

Neste momento (11h13min do dia 14/jun/2019), existem aproximadamente 785,4 mil contratos de futuros de soja em aberto na CBOT, com predominância (36% do total) para aqueles que tem vencimento em novembro/2019 (ZSX9). Os contratos com vencimento em julho/2019 (ZSN9) representam 35% do total em aberto na CBOT. É um momento de transição, em que os contratos com vencimentos mais alongados passam a ganhar importância relativa para a formação do preço no Brasil. Os contratos ZSN0 e ZSQ0, com vencimentos para julho/2020 e agosto/2020 já somam mais de 20 mil operações juntos e seguem precificados em níveis superiores a US\$ 9,50/bushel, o que reflete a expectativa de menor quantidade disponível de soja no futuro.

Os últimos meses foram caracterizados por eventos que alteraram consideravelmente a conjuntura do mercado da soja em Chicago e a dinâmica de sazonalidade dos preços, de forma que a hipóteses de menores preços na safra e maiores cotações no período de entressafra passou a não ser confirmada. Neste contexto, a partir de 2018, as cotações dos futuros de soja em Chicago foram caracterizadas pelos seguintes momentos:

- a. Após um canal de alta que iniciou em 11/jan/2018, os futuros de soja em na CBOT-CMEGroup romperam uma forte resistência¹ de US\$ 10,67/bushel e chegaram a ser negociados a US\$ 10,8250/bushel (contrato ZSK8) em 02/03/2018. A partir de então, o mercado encontrou um suporte² no nível de US\$ 10,00/bushel e a resistência situou-se próxima de US\$ 10,60/bushel, até

¹ Resistência de mercado é uma das técnicas utilizadas em Análise Gráfica. Define-se como resistência de mercado o ponto no qual o nível de preços estimula a força vendedora em patamar capaz de inverter ou desacelerar o processo de elevações nos preços.

² Suporte de mercado é outra técnica utilizada em Análise Gráfica. Define-se como suporte de mercado o ponto no qual o nível de preços estimula a força compradora em patamar capaz de inverter ou desacelerar o processo de redução nos preços.

o dia 24/mai/2018, momento em que os compradores e vendedores dos futuros de soja em Chicago passaram a considerar como real a possibilidade dos Estados Unidos taxar as exportações chinesas e a China adotar medidas de reciprocidade com elevado potencial de impacto no mercado de soja.

- b. No período 24/mai/2018 a 16/jul/2018, as cotações dos futuros de soja em Chicago entraram em forte canal de baixa e também as médias móveis de 90, 60, 45, 21, 10 e 5 dias passaram a confirmar a tendência baixista, ocasião em que se verificou uma redução de 22,86% nas cotações dos futuros de soja na CBOT, o que representou uma perda de US\$ 2,40/bushel, equivalente a US\$ 5,29/saca 60kg e R\$ 20,50/saca 60kg (considerando-se uma taxa de câmbio de R\$ 3,8745/US\$).
- c. Entre 16/jul/2018 e 29/nov/2018, o mercado reagiu positivamente e os futuros de soja chegaram a ser negociados a US\$ 9,12/bu em 31/jul/2018 (contrato ZSX8). Contudo, em função da disputa entre EUA e China e do grande volume de estoques nos Estados Unidos, houve uma retração. A partir de setembro/2018 a força da demanda cresceu motivada pelas especulações sobre um possível acordo entre as duas superpotências. Em 27/nov/2018 as médias móveis de 90, 60 e 45 dias apontaram para tendência de alta. Neste novo momento, que se estendeu até 18/abr/2019, o mercado operou com suporte de US\$ 8,8200/bu e resistência de US\$ 9,2700/bu.
- d. A partir de 18/abr/2019, as expectativas favoráveis em relação às condições climáticas no Corn Belt e o agravamento das relações comerciais colocaram as médias móveis em perspectiva negativa e em 13/mai/2019 Chicago operou em mínimas históricas dos últimos dez anos.
- e. A partir de 29/mai/2019, Chicago começou a precificar com maior força a possível redução na safra nova dos EUA. Em 04/jun/2019 os contratos com vencimento para julho/2019 fecharam a US\$ 8,7450/bushel e as médias móveis de 60, 45, 21, 10 e 5 dias interromperam a tendência de baixa, principalmente em função do atraso no plantio de soja no Estados Unidos.
- f. Neste momento, 9h35min de Chicago do dia 14/junho/2019, o mercado opera em alta, com os dois principais futuros sendo negociados a US\$ 8,9475/bu (ZSN9) e US\$ 9,2100/bu (ZSX9). A média de preços de 90 dias do contrato de último vencimento segue nos US\$8,74/bu, com relativa estabilidade e as médias móveis de 60, 45, 21, 10 e 5 dias parecem consolidar a tendência de alta, conforme é possível observar na Figura 1 da página 8. Estes movimentos recentes de alta nos preços podem atribuídos às condições climáticas adversas nos EUA, que estão atrasando o plantio da próxima safra.

Apesar da tendência de alta, é importante destacar que as divergências comerciais, motivadas pelos interesses geopolíticos de EUA e China, tendem a limitar este processo. O cenário é positivo para os preços da soja no Brasil, pois estes aumentos no mercado internacional tendem a ser transferidos para o mercado sul-americano. Entretanto, é importante destacar que os estoques dos Estados Unidos continuam elevados e o principal importador mundial ainda impõe uma tarifa de 25% sobre a soja estadunidense.

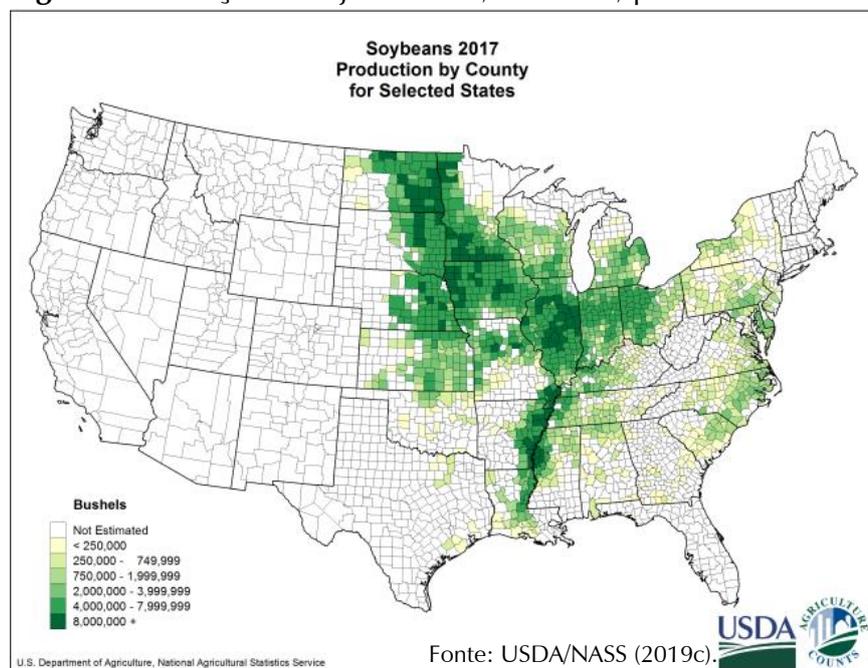
Figura 1. Preços diários dos futuros de soja na CBOT-CMEGroup (Contrato driver: ZS1!): janeiro/2018 a maio 2019.



Fonte: Elaboração própria, a partir do sistema TradingView.

A análise gráfica permite observar que as imposições tarifárias chinesas impuseram duas resistências

Figura 2. Produção de soja nos EUA, em 2017, por Estado



consideráveis para esta recente tendência de elevação: a primeira, de US\$ 8,8200/bu, foi facilmente superada em função das expectativas de redução na produção norte-americana, principalmente em função do excesso de chuvas na maior região produtora (Figura 2). No entanto, a segunda resistência, de US\$ 9,2700/bu continua forte e para ser superada exigirá uma previsão de redução ainda maior ou um entendimento comercial entre EUA e China ou um fato de extrema relevância.

Parceiros:

SRPM - Sindicato Rural de Palmeira das Missões/RS
CAT - Clube Amigos da Terra de Palmeira das Missões/RS
AEAPAL - Associação dos Engenheiros Agrônomos de Palmeira das Missões /RS



Neste momento as condições climáticas nos Estados Unidos já atrasaram grande parte do plantio e ainda podem gerar mais perdas na produção, conforme pode ser observado no Box 1.

Box 1. O Clima nos EUA, por Mauro Costa Beber

Estamos hoje no dia 11 de junho de 2019. As condições do clima neste momento são da presença do fenômeno El Niño no Oceano Pacífico central, isto significa um aquecimento das águas maiores que a média neste local. A média dos modelos mundiais de clima dizem que ele vai continuar no inverno e primavera. As águas do Oceano Atlântico também estão mais quentes que a média dos últimos 30 anos.

Estas condições favoreceram os altos índices de precipitação no Brasil e nos Estados Unidos em maio. Neste mês de junho mudaram as previsões. Elas mostram pouca chuva para o Brasil e principalmente para o Rio Grande do Sul. Isto aconteceu no ano de 1992, quando em maio choveu muito e em junho pouco, que não é normal. As temperaturas vão permanecer mais altas que o normal para o mês e o frio pode chegar somente em julho.

Nos Estados Unidos as chuvas diminuíram de intensidade, mas podem ainda nos próximos 10 dias trazer problemas para finalizar os plantios, que já estão muito atrasados. As previsões de maio/2019 para o restante da safra, são de um clima normal até a colheita. Para o sojicultor estadunidense é mais problema o excesso de chuva do que a falta. Este atraso histórico do plantio pode causar perdas de produtividade nas culturas de soja e milho. Também no final do ciclo, ainda com as culturas sensíveis, podem ocorrer geadas.

Para a próxima safra da América do Sul ainda é cedo para falar em tendência. Os últimos dados mostram maior probabilidade de acontecer um El Niño fraco novamente. A segunda probabilidade é de ocorrer uma neutralidade climática. Vamos ter que aguardar mais uns meses para ter uma previsão climática mais precisa.

2.2. ANÁLISE DO PREÇO DA SOJA NO MERCADO FÍSICO BRASILEIRO

Os preços da soja nos portos de brasileiros³ são formados principalmente pelo comportamento dos futuros de soja em Chicago, da taxa de câmbio R\$/US\$ e do prêmio de exportação no portos brasileiros. As despesas com fretes, taxas portuárias, corretagem entre outros também são importantes e ajudam a explicar os diferentes níveis de preços no mercado físico nas distintas regiões produtoras do Brasil e do Rio Grande do Sul.

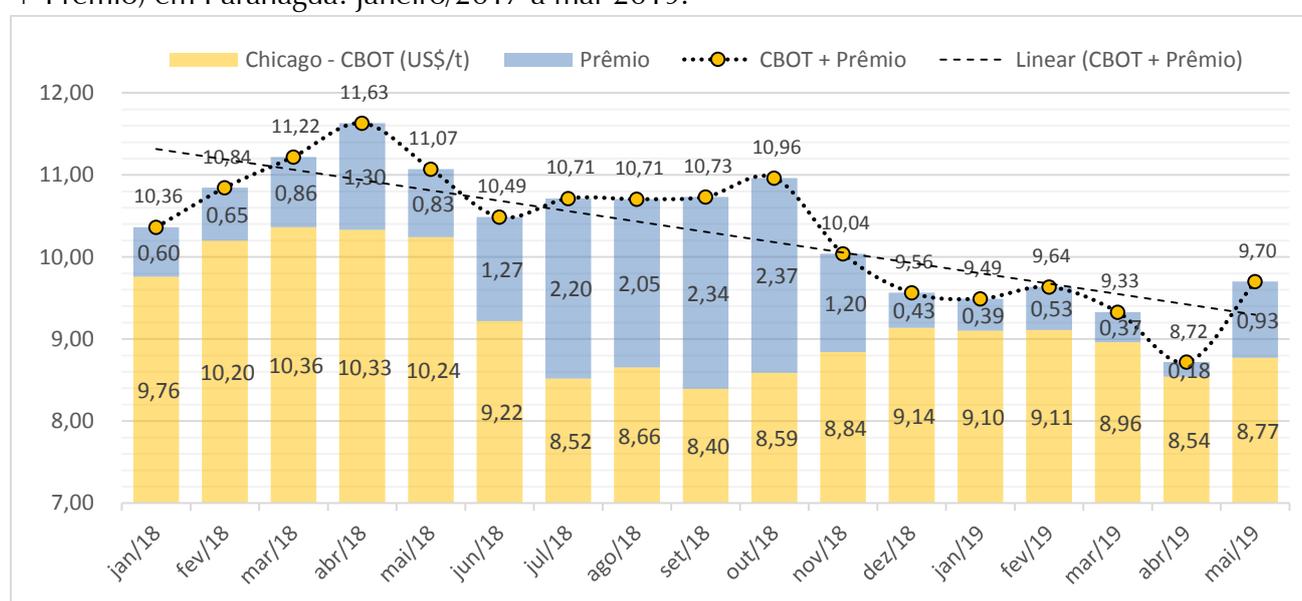
Apesar das grandes oscilações de preços em Chicago, o ambiente de negócios nos EUA impõe uma forte limitação para os agricultores norte-americanos e contribuem para o direcionamento das compras chinesas para o mercado brasileiro, fato que contribui para a elevação dos prêmios de exportação no Brasil. Neste contexto, considerando-se apenas as cotações em dólares, é possível observar na Figura 3 que a partir da intensificação dos atritos comerciais entre EUA China, as reduções de preços na CBOT foram compensadas pelas elevações nos prêmios de exportação no Brasil e proporcionaram, até outubro/2018, preços superiores a US\$ 10,50 o bushel no Brasil.

³ Segundo dados do sistema para consultas e extração de dados do comércio exterior brasileiro (BRASIL, 2019), os principais portos exportadores de soja no Brasil responderam por 82% do volume de exportação em 2018: Santos/SP, 25%; Paranaguá/PR, 18%; Rio Grande/RS, 16%; São Luís/MA, 10%; São Francisco do Sul/SC, 7% e; Belém/PA 6%.

Contudo, a partir do mês de novembro/2018, apesar das elevações de preços nos EUA (motivadas pelas expectativas positivas sobre o acordo EUA x China), as reduções dos prêmios resultaram em queda nas cotações. Somente em maio/2019 o preço da soja no Brasil (em US\$ no Porto de Paranaguá/PR) voltou aos níveis praticados entre novembro e dezembro/2018. Neste período, os preços pagos aos produtores rurais somente não foram mais baixos porque as elevações na taxa e câmbio contrabalancearam a pressão de baixa.

Neste momento, o mercado parece estar invertendo uma pressão de baixa, com as cotações de maio e junho operando, em dólares, acima da linha de tendência (Figura 3).

Figura 3. Cotações em Chicago/EUA, Prêmio de Exportação em Paranaguá/PR e Preço da Soja (CBOT + Prêmio) em Paranaguá: janeiro/2017 a mar 2019.



Fonte: Elaboração própria. Dados de jan/17 a mar/19: ABIOVE (2019). Abr/19 e mai/19, reportes de mercado.

Em Rio Grande/RS, os prêmios de exportação iniciaram 2018 no patamar de US\$ 0,73/bushel, alcançaram US\$ 2,68/bu em 09/out/2018, retornaram para patamares próximos a US\$ 0,13/bu no início de janeiro/2019 e chegaram a máxima de US\$ 1,19/bu entre os dias 22 e 28/mai/2019, principalmente devido ao aumento das tensões comerciais entre EUA e China.

Projeções mais robustas para os preços pagos aos sojicultores nos próximos meses ainda carecem de maior certeza em relação à implementação das reformas econômicas no Brasil, uma vez que o comportamento da taxa de câmbio segue sensível ao ambiente político-econômico.

Ao assumir a presidência da república, o novo governo se deparou com uma taxa de R\$ 3,81/US\$. O discurso reformista gerou boas expectativas no mercado de capitais, favoreceu o recuo de 6,69% e o dólar passou a ser cotado a R\$ 3,64. Entretanto, após o final de janeiro/2019, a taxa de câmbio

aumentou cerca de 13,29% e em 17/mai/2019 alcançou R\$ 4,12/US\$, motivado principalmente pelas questões que envolvem a reformas econômicas no Brasil.

Recentemente, ofertas do Banco Central e a percepção de que as reformas, principalmente a da previdência, serão aprovadas no Congresso Brasileiro, favoreceram a queda, de tal modo que no início do mês de junho/2019 os futuros de dólar da B3 S.A. estão operando entre o suporte de R\$ 3,78/US\$ e a resistência de RR 3,95/US\$, conforme é possível observar na Figura 4.

Figura 4. Futuros de dólar na B3 S.A. – Brasil, Bolsa, Balcão (Contrato driver: DOL1!): janeiro/2018 a 14/junho/2019.



Fonte: Elaboração própria, a partir do sistema TradingView.

Diante disto, observa-se que no curto prazo a aprovação da Reforma da Previdência tende a favorecer uma redução na taxa de câmbio e, por consequência, pode limitar a transferência dos aumentos nos preços de Chicago para os produtores brasileiros. Por outro lado, se a demanda por soja se intensificar ainda mais, os efeitos de uma possível redução na taxa de câmbio poderão ser amenizados pelas elevações nos prêmios de exportação.

Essa dinâmica impactou as cotações no mercado físico brasileiro e a partir do segundo semestre de 2018, a taxa de câmbio e o prêmio de exportação passou a compensar as baixas de preços verificadas nos Estados Unidos e proporcionaram condições para Rio Grande operar a R\$98,00/saca (CIF 60kg) entre 13/09 e 01/10/2019, mas também favoreceram a queda para R\$ 74,00/saca (CIF 60kg) em 10/05/2019 e, posteriormente, a recuperação nos preços médios neste mês de junho/2019, conforme é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1. Preço média da soja (CIF Rio Grande 60kg) e principais elementos conjunturais

Período	Preço Médio (CIF Rio Grande 60kg)	Principais elementos conjunturais no período
02/02/2018 a 31/05/2018	R\$ 81,93	<ul style="list-style-type: none"> • Frustração de safra na Argentina. • Cenário político-eleitoral promove elevações na taxa de câmbio.
01/06/2018 a 28/12/2018	R\$ 87,58	<ul style="list-style-type: none"> • Desentendimento comercial entre EUA e China. • Intensificação do importador chinês ao mercado brasileiro. Forte demanda chinesa e conseqüentemente no aumento do prêmio de exportação da soja. • Eleições presidenciais no Brasil. Elevação na taxa média de câmbio.
02/01/2019 a 31/05/2019	R\$ 77,88	<ul style="list-style-type: none"> • Surtos de gripe suína na China. • Mercado passa a acreditar em um possível acordo entre EUA e China, mas logo percebe a dificuldade de isto acontecer.
03/06/2019 a 14/06/2019	R\$ 82,35	<ul style="list-style-type: none"> • Expectativa de redução na produção de soja da próxima safra norte-americana, que está em fase de plantio.

Fonte: Elaboração própria, a partir de reportes de mercado.

Portanto, os acontecimentos políticos e geopolíticos no Brasil e no Mundo alteraram consideravelmente o comportamento normal do mercado da soja em 2018 e 2019, o que corrobora as análises de Costa e Santana (2018)⁴ e Costa (2017)⁵.

2.3. PROJEÇÕES DE OFERTA E DEMANDA POR SOJA NO BRASIL E NO MUNDO

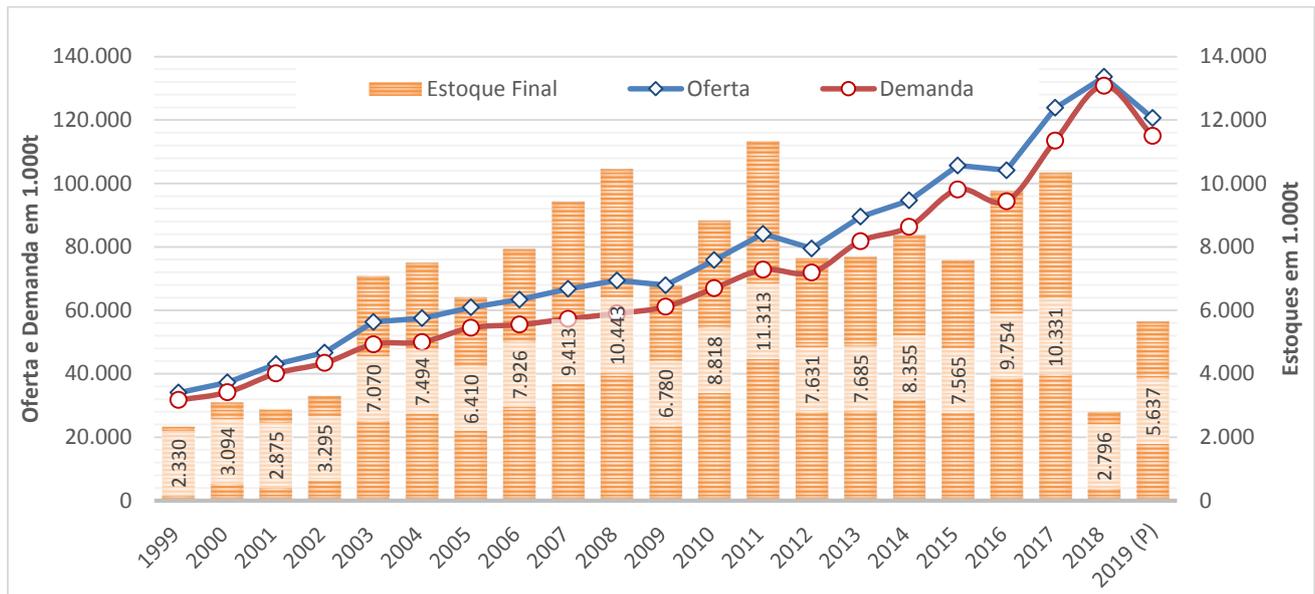
Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE, 2019), em 2019 a demanda por soja brasileira deverá ser aproximadamente 13,45% menor do que a verificada em 2018 e situar-se ao redor 114,95 mi/t. Já, a oferta deverá encolher 11,08% e estabilizar em 120,6 mi/t. Com isto, espera-se que os estoques de passagem aumentem cerca de 102% em relação a 2018 e situem-se em 5,64 mi/t, conforme pode ser observado na Figura 5.

Com este cenário, a relação estoque/demanda que em 2018 situou-se em 2%, tenderá a passar para 5% em 2019. Apesar do aumento, este indicador ainda situa-se em menor patamar que os verificados nos anos de 2017 e 2016, de 9% e 10% respectivamente.

⁴Se você está fazendo uma leitura eletrônica, clique [AQUI](#) para acessar o artigo.

⁵Se você está fazendo uma leitura eletrônica, clique [AQUI](#) para acessar o artigo.

Figura 4. Oferta, demanda e Estoque Final de soja brasileira: 1999 a 2019

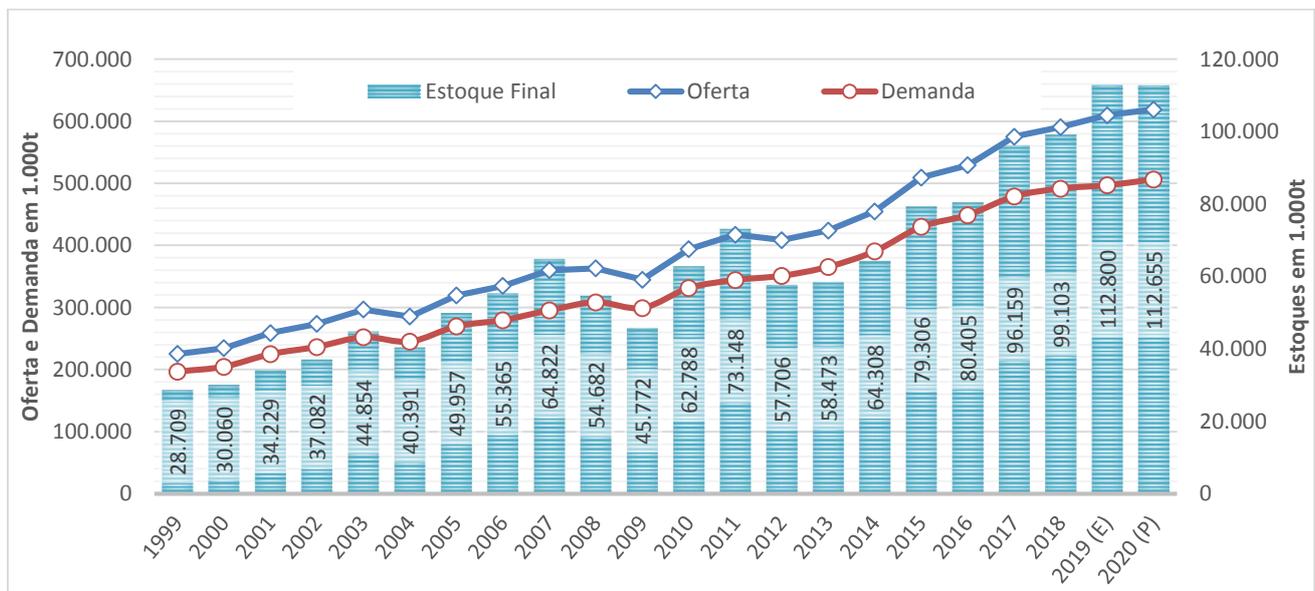


Oferta = estoques iniciais + produção + importação; Demanda = sementes + exportação + processamento; Estoque final = Oferta – Demanda; (P) Projetado.

Fonte: Elaboração própria, com dados do ABIOVE (2019).

Em nível internacional, o USDA (2019a) estima que em 2019 a demanda por soja deverá crescer 1,10% em relação a 2018 e alcançar 496,935 mi/t. Já, a oferta deverá crescer 3,24% e estabilizar em 609,735 mi/t (Figura 6).

Figura 6. Oferta, demanda e Estoque Final de soja no Mundo: 1999 a 2020



Oferta = estoques iniciais + produção + importação; Demanda = sementes + exportação + processamento; Estoque final = Oferta – Demanda; (E) Estimado; (P) Projetado. Fonte: Elaboração própria, a partir de USDA (2019).

Para 2020, as projeções são de 1,52% na oferta, 1,90% na demanda e -0,13% nos estoques finais. Com isto, espera-se que os estoques de passagem cresçam 13,82% em relação a 2018 e situem-se em 112,8 mi/t. (Figura 6).

Neste cenário, as estimativas indicam que o total dos estoques internacionais seriam equivalente a 91,9% da safra brasileira ou 100,1% da safra dos EUA ou, ainda, 213,4% da safra da Argentina. Ainda, 94,3% do total de estoques finais no ano-safra 2019-2020 estariam na Argentina (25,4%), Brasil (24,6%), Estados Unidos (25,3%) e China (19,0%). Por outro lado, apesar de ser a principal referência, as projeções do USDA (2019) contrastam com as projeções da Abiove (2019b). Em relação ao Brasil, existe uma diferença significativa nos números de estoques.

Apesar da gripe suína na China, as estimativas oficiais do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2019) mostram uma relação estoque/esmagamento de 21,57% para a safra 2019/20, ante os 21,53% estimados para a safra 2018/2019, o que permite acreditar em estabilidade no consumo em médio e longo prazos. Neste contexto, apesar da redução do plantel de suínos, estimada em 162 milhões de cabeças, o plantel chinês ainda é significativo e com cerca de 550 milhões de cabeças representa 48% do total mundial.

Esta redução no plantel de suínos deverá resultar em um redimensionamento na produção e exportação de carne suína em alguns países, entre eles, o Brasil, uma vez que as projeções mostram uma tendência de crescimento de 41% nas importações chinesas de carne suína no período 2018-2019, o que equivale a um acréscimo de 639 milhões de toneladas. Somente este acréscimo é o equivalente a 16% do estimado para a produção brasileira em 2019, que deverá ser de 3,97 mi/t. (USDA, 2019).

Portanto, apesar do arrefecimento na demanda por soja utilizada na produção de rações na China, o gigante asiático ainda continua com um plantel significativamente grande e com um parque de processamento de soja que deverá continuar produzindo farelo e óleo de soja para suprir as necessidades de consumo do maior contingente populacional do globo.

Neste contexto, pressupondo que a demanda por soja continuará efetiva e que os estoques norte-americanos continuarão elevados, a pergunta a ser respondida é se o importador chinês tenderá a concentrar a suas compras nos EUA ou priorizará as compras no Brasil e na Argentina, conforme verificado ao longo de 2018. Uma possível resposta para este questionamento é desenvolvida na seção seguinte.

3. RELAÇÕES EUA X CHINA: GUERRA COMERCIAL OU EMBATE GEOPOLÍTICO?

As relações entre Estados Unidos e China, a partir da gestão de Donald Trump, apresentam claros sinais de que a comunidade internacional está presenciando uma reação da principal potência econômica, política e bélica, com o objetivo de conter o avanço do poder econômico e influência política da China e fortalecer/prolongar a sua condição hegemônica⁶.

A transição de hegemonias no mundo é algo que aconteceu com relativa frequência em nossa história. Ao longo dos últimos séculos, vários impérios ascenderam e foram superados. Mais recentemente, o final da 2ª Guerra Mundial consolidou o declínio da hegemonia britânica e a ascensão dos Estados Unidos e da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Este cenário resultou em uma disputa bipolar em que os embates EUA X URSS e Capitalismo X Socialismo foram os mais evidentes. Desta dualidade nasceu a Guerra Fria, que intensificou a bipolaridade, mas com a queda do muro de Berlim em 1989, a dissolução soviética em 1991 e consequente criação da Federação Russa, coube aos EUA a condição hegemônica.

Contudo, a globalização, o crescimento no comércio internacional, os avanços tecnológicos (principalmente na área de informática e transmissão de dados) e a desregulamentação nos mercados de capitais promoveram uma ampla movimentação de capitais ao redor do globo, que redefiniu as bases do sistema financeiro e produtivo global e resultou em rápidas transformações socioeconômicas (CARVALHO e SILVA, 2007).

A globalização dos mercados veio acompanhada, no início dos anos 2000, pelo multilateralismo e consequente fortalecimento de instituições como a Organização Mundial do Comércio (OMC), Organização das Nações Unidas (ONU) e Fundo Monetário Internacional (FMI). Deste processo, resultou o aumento relativo do poder econômico e político de um grupo de nações denominadas “em desenvolvimento” ou “emergentes”, das quais fazem parte Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, México, Argentina, Turquia, entre outras. Entre as nações emergentes, a China se tornou uma referência pela velocidade com a qual cresceu e se desenvolveu.

Seja pelo processo de transformação econômica e social que iniciou nos anos 1960-70 com a revolução cultural, ou pelo processo de imitação, engenharia reversa e a capacidade de aprendizagem que o país demonstrou ao longo das últimas décadas, o fato é que a China se reinventou e imprimiu um forte ritmo de crescimento no PIB. Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (IMF, 2019), quando se considera o Critério de Paridade do Poder de Compra⁷, o PIB da China já ultrapassou o PIB dos Estados Unidos em 2014 (Figura 7).

⁶ O conceito de hegemonia está associado ao exercício da liderança do sistema político e econômico global. Em geral, a hegemonia é exercida pela nação que possui maior poder econômico, maior poder bélico e maior poder político (ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996)

⁷ “Teoria de determinação da taxa de câmbio baseada na lei do preço único; sustenta que, se as variações percentuais no índice de inflação interno forem iguais às variações no índice de inflação externo, a paridade do poder de compra das moedas não muda” (DE CARVALHO e DA SILVA, 2007).

Figura 7. Produto Interno Bruto a preços correntes, em Dólares Internacionais (Critério de Paridade do Poder de Compra)



Fonte: Elaboração própria, com base em IMF (2019).

O avanço do poder econômico e da influência asiática no mundo permite confirmar a importância das novas tecnologias para o processo de desenvolvimento. Sobretudo, a partir da segunda metade dos anos 1990, a China imprimiu um ritmo de crescimento e desenvolvimento econômico sem precedentes na história recente.

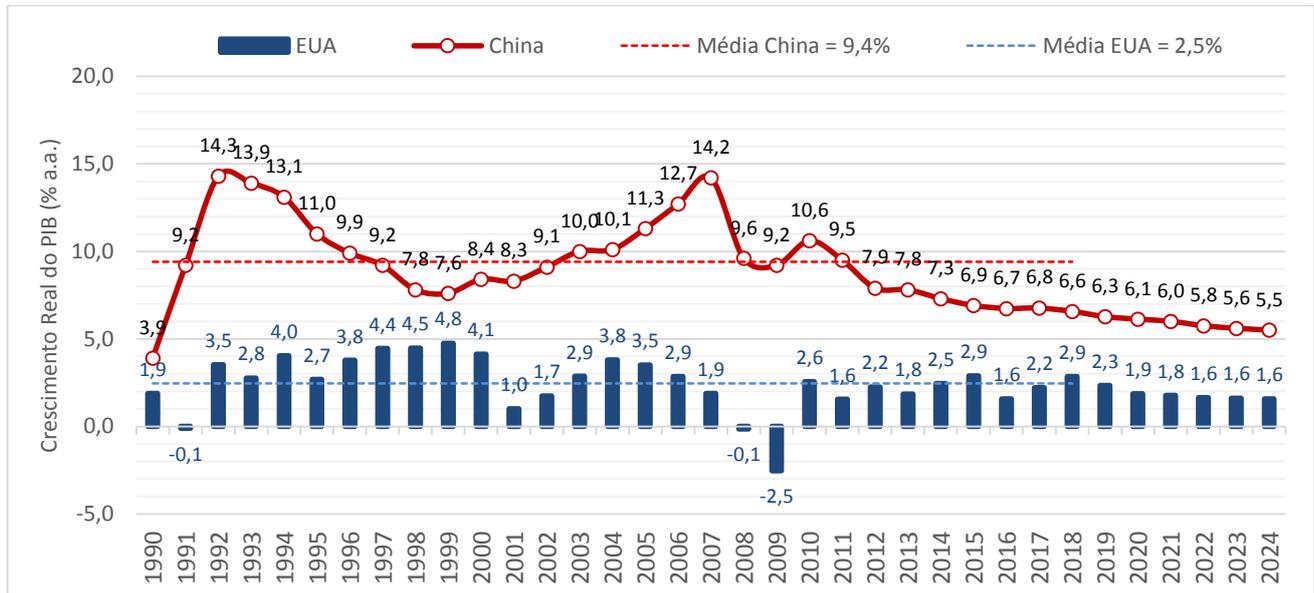
Em grande medida, o rápido crescimento e desenvolvimento econômico chinês também foi possível em função do desenvolvimento das indústrias de construção naval, produção de aço e outros metais, fabricação de eletrônicos, design de moda e fabricação de têxteis, entre outros, conforme destacam Hochberg e Sloan (2017).

O país asiático também desenvolveu as competências necessárias para sair da retaguarda e disputar a vanguarda em muitas áreas consideradas sensíveis para os EUA, entre as quais: cibernética, telecomunicações, inteligência artificial e, por consequência, defesa nacional.

A média de crescimento do PIB chinês entre 1990 e 2018 foi de 9,4%, enquanto que a média do crescimento da economia norte-americana foi de 2,5%.

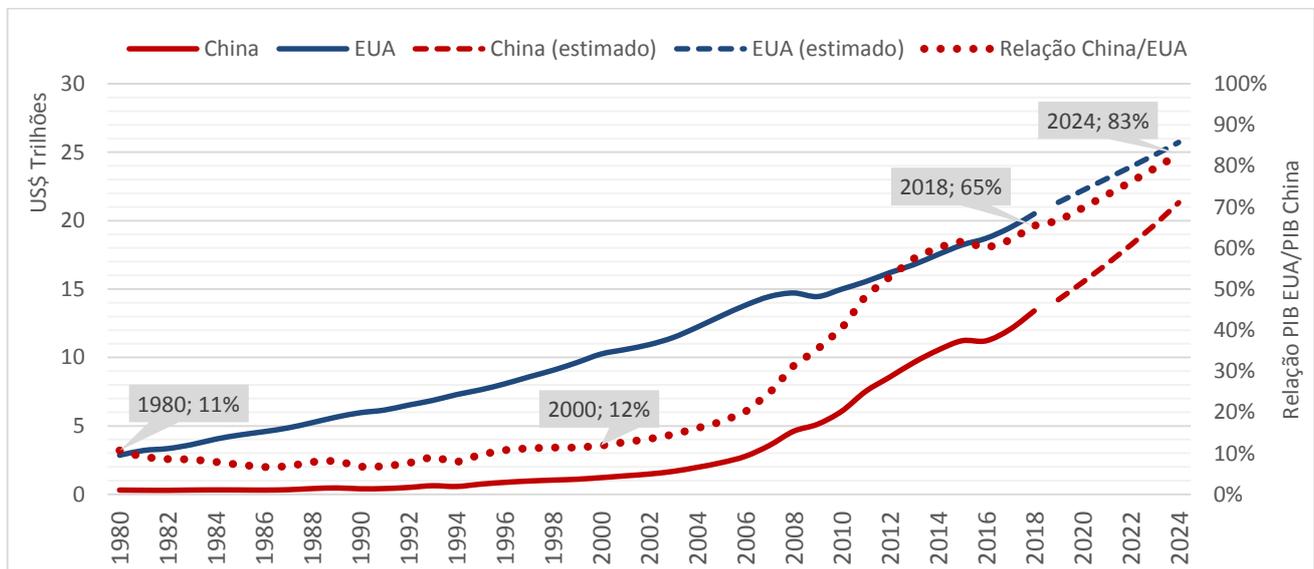
Apesar da desaceleração do crescimento da economia chinesa, verificado principalmente a partir do ano de 2011, as projeções do Fundo Monetário Internacional (IMF, 2019) mostram que a China seguirá crescendo a taxas reais superiores às dos EUA, conforme é possível observar na Figura 8.

Figura 8. Taxa de Crescimento real do Produto Interno Bruto da China e dos Estados Unidos no período 1990 - 2018 e projeção 2019 - 2024



Fonte: Elaboração própria, com base em IMF (2019).

Figura 9. Produto Interno Bruto a preços correntes (US\$ trilhões) e relação PIB China/PIB EUA no período 1990 - 2018 e projeção 2019 - 2024



Fonte: Elaboração própria, com base em IMF (2019).

Considerando-se o Produto Interno Bruto a preços correntes, destaca-se que a riqueza produzida na China entre 1980 e 2000 representou entre 11% e 12% da riqueza produzida nos Estados Unidos. A partir de então, o crescimento chinês acelerou de tal forma que em 2018 o PIB do país asiático (US\$

13,4 trilhões) foi equivalente a 65% do PIB norte-americano (US\$ 18,7 trilhões) e as projeções do FMI apontam que chegará a 83% em 2024, fato que denota uma clara tendência de alta e a certeza de que, nas condições atuais, em breve a China será a maior potência econômica global (Figura 8).

No campo da Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (P, D&I), o crescimento chinês é notório e ajuda a explicar a crescente geração de riquezas, uma vez que o P,D&I se traduz em atividade em ganhos de eficiência econômica e competitividade.

Várias são as formas de mensurar a evolução da ciência. Uma delas é o acompanhamento da produção científica em ranques como o do “SCImago Journal & Country Rank”, que inclui periódicos científicos indexados na base Scopus®, uma das mais importantes bases indexadoras de periódicos científicos. Nesta, observa-se que a produção científica no país asiático saltou de 28,89 mil artigos em 1996 para 508,65 mil em 2017, o que denota um crescimento de 1.660% nos últimos 21 anos. No mesmo período, o crescimento do Estados Unidos foi 81%. Com isso, a participação norte-americana na produção mundial de ciência passou de 32% para 18%, enquanto que a participação chinesa evoluiu de 3% para 14%, conforme é possível observar na Tabela 2.

Tabela 2. Número de artigos científico publicados e indexados na base Scopus®

País	1996		2017		Variação % 1996-2017
	Artigos Publicados	Participação %	Artigos Publicados	Participação %	
Estados Unidos	346.788	32%	626.403	18%	81%
China	28.899	3%	508.654	14%	1660%
Reino Unido	88.386	8%	191.830	5%	117%
Alemanha	75.022	7%	170.114	5%	127%
Índia	20.851	2%	147.537	4%	608%
Japão	87.457	8%	123.043	3%	41%
França	55.563	5%	115.747	3%	108%
Itália	38.937	4%	110.402	3%	184%
Canadá	42.269	4%	100.810	3%	138%
Austrália	24.539	2%	94.065	3%	283%
Espanha	23.916	2%	90.082	3%	277%
Rússia	31.663	3%	83.358	2%	163%
Coreia do Sul	10.215	1%	80.743	2%	690%
Brasil	8.819	1%	73.697	2%	736%
Holanda	22.874	2%	57.503	2%	151%
Outros países	189.721	17%	962.890	27%	408%
Total	1.095.919	100%	3.536.878	100%	

Fonte: Scimago Journal (2019).

A condição de protagonismo na produção científica não é algo trivial, uma vez que a ciência e a tecnologia estão diretamente associadas à inovação, que é um dos principais determinantes da competitividade das nações, conforme é possível observar em Treviño (2002), Pérez (2007) e demais pesquisadores da escola neo-schumpeteriana do pensamento econômico.

Neste contexto, as retaliações comerciais e demais instrumentos da ofensiva estadunidense implementados pelo governo de Donald Trump parecem ter dois objetivos claros em relação à China:

- I. O primeiro é reverter o processo que resultou na emigração de várias indústrias para a China, principalmente de construção naval, produção de aço e outros metais, fabricação de eletrônicos, design de moda e fabricação de têxteis. Conforme destacam Hochberg e Sloan (2017), apesar de serem consideradas "indústrias de ontem"⁸, elas ainda são necessárias para a produção de armas e para a guerra.
- II. O segundo é interromper os investimentos, incentivos fiscais e mecanismos utilizados pelo governo chinês para desenvolver a atividade industrial avançada na China e permitir que suas empresas alcancem e superem as competidoras norte-americanas, principalmente nos seguintes segmentos:
 - a. Tecnologia 5G, software de inteligência artificial (AI) e realidade virtual (VR);
 - b. Cibernética, circuitos de radiofrequência (RF) para radar, imagiologia.
 - c. Computação em nuvem e instalação de nuvem física;
 - d. Chips semicondutores, equipamentos de telecomunicações e comunicação de dados;
 - e. Motores avançados a jato e turbo jato.

Assim sendo, a Guerra Comercial passe a se configurar enquanto uma dimensão do embate geopolítico e cristaliza a reação dos EUA contra o processo de expansão asiática, o que permite concluir que o choque entre as duas principais potências globais é muito mais geopolítico do que comercial e o mercado de commodities agropecuárias, apesar de ser importante, é residual neste processo.

Isto explica as dificuldades no estabelecimento de um acordo rápido, pois a China tende a continuar com as suas metas de crescimento econômico e dificilmente vai abdicar de políticas de planejamento e investimentos que a alçaram ao posto de segunda maior potência econômica global em tão curto período de tempo.

Portanto, apesar do discurso inicial de Donald Trump de que ações comerciais dos EUA estão focadas na geração de empregos, a hipótese de que o mundo está presenciando uma clara disputa pela capacidade de exercer poder e liderança nos próximos anos ganha cada vez mais força e reforça a argumentação chinesa de que o Brasil é um parceiro estratégico de longo prazo, pela complementariedade entre as economias e sua capacidade de fornecer alimentos⁹.

Neste processo, é importante destacar o conteúdo da entrevista do Embaixador da China no Brasil Yang Wanming, concedida ao Jornalista Marcelo Lins e veiculada na Globo News em 07/05/2019:

⁸ Indústrias que foram importantes para o desenvolvimento, mas que apresentam baixo potencial para garantir que um país continue competitivo e na fronteira do conhecimento e do desenvolvimento.

⁹ Garantir a oferta de alimentos em quantidade suficiente para atender a demanda (*food supply*) e a garantir a qualidade nutricional destes alimentos (*food safety*) é uma questão considerada importante no mundo e em países como a China (LAM, Hon-Ming et al., 2013). Neste sentido, McLaughlin (2017) destaca que as questões associadas à poluição ambiental e segurança alimentar passaram a ser foco da política pública na China, de tal modo que o país está adotando o máximo rigor no plano para aprimorar os controles de resíduos de antibióticos e de pesticidas nos produtos alimentares.

Eu quero dizer que a demanda por soja, por importação de soja da China é uma demanda grande. Cada ano a China importa mais de 100 milhões de toneladas de soja de países estrangeiros. O Brasil é um dos principais exportadores para a China. A exportação de soja por parte do Brasil está aumentando e mantém uma boa tendência. A demanda de mercado da China é muito grande. A exportação dos Estados Unidos não supre, não pode suprir toda a demanda da China. Por isso, no futuro o Brasil vai continuar sendo o maior exportador de soja para a China (WANMING, 2019).

Isto permite concluir que o agronegócio brasileiro é, para a China, uma alternativa importante para garantir a segurança a alimentar de seu povo, pois com isto, reduz significativamente a sua dependência dos alimentos produzidos nos Estados Unidos.

Para o Brasil, esta parceria significa uma “janela de oportunidade”, pois garante que dos sucessivos aumentos na produção e na produtividade terão um mercado a espera, com bons clientes. Isto posto, é possível acreditar que as importações chinesas de produtos do agronegócio brasileiro tendam a seguir sua trajetória de crescimento e a garantir boas oportunidades para a comercialização da produção no mercado físico brasileiro.

4. RIO GRANDE DO SUL EXPORTA MENOS SOJA NESTE INÍCIO DE 2019

Em meio às incertezas sobre o comportamento futuro do mercado da soja no Brasil em relação ao comportamento dos preços no mercado físico, as exportações brasileiras de soja nos cinco primeiros meses de 2019 se situaram em patamares inferiores a 2018, mas dentro da média histórica para o período.

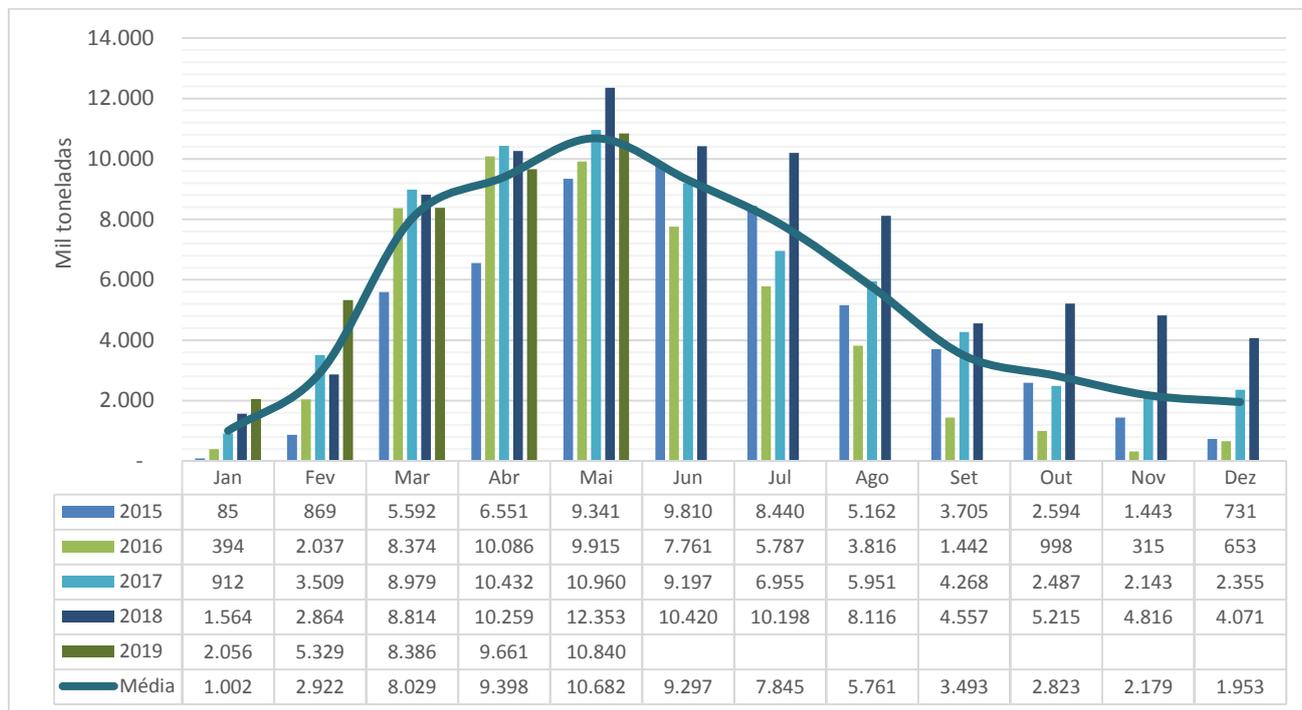
Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (BRASIL, 2019b), as vendas externas de soja em grãos nos quatro primeiros meses do ano de 2019 foram significativas, com recorde de embarque em janeiro e fevereiro e volume próximo da média para março, abril e maio (Figura 10, página 21).

Por outro lado, no Rio Grande do Sul, as exportações de soja do Rio Grande do Sul, no mesmo período, somente foram superiores à média dos últimos anos em janeiro/2019, momento em que o estado embarcou 302 mil toneladas. Mesmo assim, este montante representa uma queda de 37% em relação a janeiro/2018.

No agregado jan-mai/2019, o montante exportado foi de 2,477 milhões/t, o que representa 49% das exportações do mesmo período em 2018. Em fev-mar/2019 praticamente não houve movimentação no Porto de Rio Grande e, em abr/mai/2019 as exportações situara-se bem abaixo da média dos últimos cinco anos, conforme pode ser observado na Figura 11 da página 21.

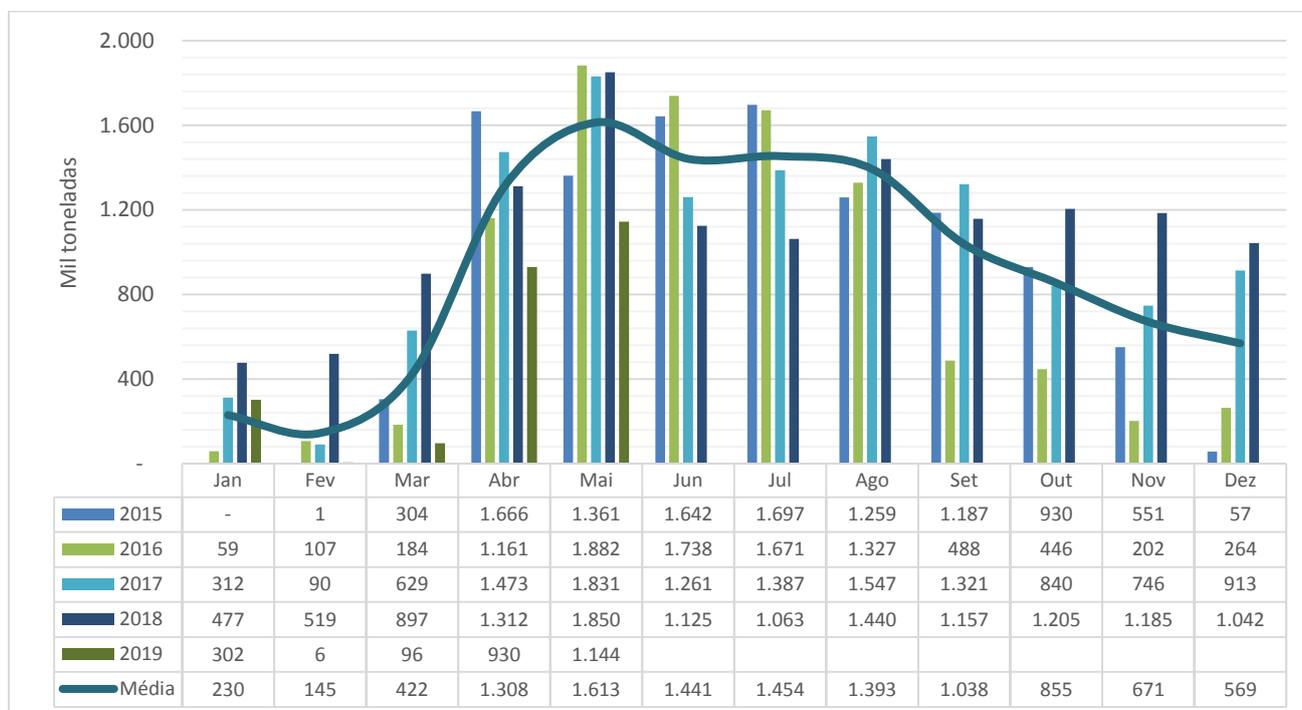
Este comportamento também pode ser explicado pelo fato de o produtor gaúcho ter exportado muita soja ao longo de 2018, momento em que uma parte significativa dos estoques foram exportadas. Neste contexto, também pode ser observado na Figura 10 que a partir de abr/2018, em todos os meses foram exportados mais de um milhão de toneladas/mês e no período ago/dez/2018 foram batidos os recordes históricos de exportações de soja em grãos, no Rio Grande do Sul, em todos os meses.

Figura 10. Exportações brasileiras de soja em grãos (NCM 1201.9000): Jan/2015 – Mai/2019



Fonte: Elaboração própria, com dados do Brasil (2019).

Figura 11. Exportações gaúchas de soja em grãos (NCM 1201.9000): Jan/2015 – Mai/2019



Fonte: Elaboração própria, com dados do Brasil (2019).

Com isto, percebe-se que a maior parte da safra gaúcha 2018/2019 ainda continua no estado e o sojicultor rio-grandense está confiando em melhores oportunidades de negócios para os próximos meses.

Se, por um lado esta estratégia pode resultar na possibilidade de venda a preços melhores ao longo de 2019, ela também pode trazer algum risco (que neste momento não parece ser muito elevado), pois apesar das boas expectativas em relação ao comportamento futuro do mercado da soja no Brasil, a volatilidade tem sido uma característica marcante nos últimos meses.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual conjuntura do mercado da soja pode ser considerada positiva para o agricultor sul americano, pois as expectativas de uma safra menor nos Estados Unidos aliadas à intensificação do conflito geopolítico EUA x China e as projeções de um mercado interno aquecido no Brasil tenderão a garantir uma boa procura pela soja nos próximos meses.

No entanto, os níveis de preços internos também dependem das cotações de Chicago, da taxa de câmbio e dos prêmios de exportação. Os prêmios de exportação voltaram a crescer no mês de maio/2019 e o ambiente político-econômico no Brasil tende a impedir grandes baixas na taxa de câmbio. Possíveis quedas em Chicago, causadas do embate comercial tendem a ser compensadas pelas elevações nos prêmios no Brasil e apesar do surto de gripe suína na China, o país asiático continuará demandando altos volumes de soja.

Neste sentido, não somente pela difícil relação com os EUA, mas também pela importância estratégica do Brasil para a segurança alimentar na China, o sojicultor nacional poderá continuar contando com o seu principal cliente, que também passará a importar um maior volume de proteína animal.

Como de costume, a prudência não permite lançar certezas sobre os movimentos futuros dos preços da soja, mas o provável é que, em termos médios, os preços em dólares (Chicago + Prêmio no Brasil) aumentem. Neste contexto, a taxa de câmbio continua sendo a variável capaz de frear o aumento nos preços em reais ou maximizar e favorecer ainda mais a elevação dos preços em reais.

Apesar das boas expectativas, o comportamento **futuro** do preço **não é** uma **certeza**, mas a projeção de uma realidade provável. **Certeza** é a **importância** de adotar boas práticas de **gestão** da produção e estratégias de **gerenciamento de risco** através do planejamento de uma boa política de comercialização da produção. Em momentos de elevação nos custos de produção isto é ainda mais importante.

Portanto, este é momento para pensar na comercialização da soja, mas sem esquecer que a tendência é de elevação nos custos de produção da safra nova.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIOVE – Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. **Estatística Mensal do Complexo Soja. 2019.** Disponível em <http://www.abiove.org.br/>. Acesso em: 29/mai/2019.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Focus Relatório do Mercado.** 17 de maio de 2019. 2019a. Disponível em <https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20190517.pdf>. Acesso em 22/mai/2019

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Comex Stat.** 2019b. Disponível em <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em 10/jun/2019.

CARVALHO, Maria Auxiliadora de; SILVA, César Roberto Leite da. **Economia internacional.** Saraiva, 2007.

COSTA, Nilson Luiz. **Boletim Analítico do Mercado da Soja.** Núcleo de Pesquisas em Economia do Agronegócio (NPEA), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) v.1, n.2 Jan-Fev/2019. 2019. Disponível em <http://w5.ufsm.br/grupos-de-pesquisa/npea/indices/mercado-da-soja/>

COSTA, Nilson Luiz; SANTANA, A. C. Análise do Mercado da Soja: Aspectos Conjunturais da Formação do Preço Pago ao Produtor Brasileiro. REVISTA PLANTIO DIRETO, v. 28, p. 20-39, 2018. https://www.researchgate.net/publication/326191281_Analise_do_Mercado_da_Soja_Aspectos_Conjunturais_da_Formacao_do_Preco_Pago_ao_Produtor_Brasileiro

COSTA, Nilson Luiz. Perspectivas de mercado e importância da conjuntura macroeconômica nacional e internacional para a formação do preço da soja no Rio Grande do Sul. REVISTA PLANTIO DIRETO, v. 156, p. 14-21, 2017. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/318084928_Perspectivas_de_mercado_e_importancia_da_conjuntura_macroeconomica_nacional_e_internacional_para_a_formacao_do_preco_da_soja_no_Rio_Grande_do_Sul

HOCHBERG, Leonard; SLOAN, Geoffrey. Mackinder's Geopolitical Perspective Revisited. **Orbis**, v. 61, n. 4, p. 575-592, 2017.

IMF – International Monetary Fund. **World Economic Outlook Database, April 2019.** Disponível em <http://www.imf.org/>. Acesso em 09/05/2018.

LAM, Hon-Ming et al. **Food supply and food safety issues in China.** The Lancet, v. 381, n. 9882, p. 2044-2053, 2013.

McLAUGHLIN, Kathlenn. **China pledges to cut pollution and boost food safety.** Science, Mar. 6, 2017. doi:10.1126/science.aal0865

PÉREZ, C. **Desafíos sociales y políticos del cambio de paradigma tecnológico.** Página oficial de Carlota Pérez. 2007. Disponível em <<http://www.carlotaperez.org/Articulos/>>. Acesso em 12 de agosto de 2007.

Scimago Journal. SJR - International Science Ranking. 2019. Disponível em <https://www.scimagojr.com/countryrank.php>. Acesso em 09/05/2018.

TREVIÑO, L. C. **Teorías económicas de la innovación tecnológica**. Instituto Politécnico Nacional/ Centro de Investigaciones Económicas, Administrativas y Sociales. México. 2002.

WANMING, Yang. Entrevista concedida ao Jornalista Marcelo Lins e veiculada no Jornal GloboNews. 07/05/2019, 18:00h-20:00h.

USDA - United States Department of Agriculture. Foreign Agricultural Service. **World Agricultural Supply and Demand Estimates: WASDE – 589**. 2019a. Disponível em <https://www.usda.gov/oce/commodity/wasde/index.htm>. Acesso em 11/jun/2019.

USDA - United States Department of Agriculture. Foreign Agricultural Service. **Production, Supply and Distribution**. 2019b. Disponível em <https://apps.fas.usda.gov/>. Acesso em 11/jun/2019.

USDA - United States Department of Agriculture. National Agricultural Statistics Service. **Production by Country**. 2019c. Disponível em <https://www.nass.usda.gov/>. Acesso em 14/jun/2019.

Parceiros:

SRPM - Sindicato Rural de Palmeira das Missões/RS

CAT - Clube Amigos da Terra de Palmeira das Missões/RS

AEAPAL - Associação dos Engenheiros Agrônomos de Palmeira das Missões /RS





O Núcleo de Pesquisas em Economia do Agronegócio (NPEA) é formado por docentes e discentes vinculados a UFSM, UFRA, UFMT e UFPA. Confira os detalhes em <http://w5.ufsm.br/grupos-de-pesquisa/npea/>.

Nossa Missão é “REALIZAR PESQUISAS CIENTÍFICAS E PRODUZIR CONHECIMENTOS ÚTEIS AOS AGRONEGÓCIOS NO BRASIL”.

Atualmente, o NPEA-UFSM realiza, de forma sistemática, pesquisas e análises do mercado da soja e está certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Acesse nosso registro no link a seguir: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7917412312897528>

INTEGRIDADE, INDEPENDÊNCIA e ÉTICA são COMPROMISSOS assumidos com nossos apoiadores e você, nosso leitor.

Contato para palestras: npea@ufsm.br

